

## Referências Bibliográficas

ASSOUN, Paul-Laurent. O olhar e a voz. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

BARROS, Romildo do Rego. Da massa freudiana ao pequeno grupo lacaniano. In: Psicanálise na favela - projeto Digaí-Maré: a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008.

BION, Wilfred Ruprecht. Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1975.

BIRMAN, Joel. Freud e a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

DUBA, Cristina. Os sapatos e as batatas: “A psiquiatria inglesa e a guerra”, de Jacques Lacan. In: Psicanálise na favela - projeto Digaí-Maré: a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008.

FREUD, S. Carta 71 [1897]. In: Obras Completas, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. A interpretação dos sonhos [1900]. In: Obras Completas, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: Obras Completas, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. A dinâmica da Transferência [1912]. In: Obras Completas, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer. [1920]. In: Obras Completas, vol. Xxx. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre o início do tratamento [1913]. In: Obras Completas, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução [1914]. In: Obras Completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. Totem e Tabu [1913]. In: Obras Completas, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir, e elaborar [1914]. In: Obras Completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O Amor na Transferência [1915]. In: Obras Completas, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Luto e melancolia [1915]. In: Obras Completas, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Psicologia de grupo e análise do ego [1921]. In: Obras Completas, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. O Ego e o Id [1923]. In: Obras Completas, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. Mal-estar na civilização [1930]. In: Obras Completas, vol. Rio de Janeiro: Imago, 1996

GROVA, T.; MACHADO, O. (Orgs). Psicanálise na favela - projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008.

GUARANÁ, Bruna. Como pode uma criança se servir do grupo? Texto inédito, 2010.

HOLCK, Ana Lúcia Lutterbach. A psicanálise e a guerra: estratégia, tática e política. In: Psicanálise na favela - projeto Digai-Maré: a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008.

HOUAISS. Antônio. Dicionário de língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

HUOT, Hervé. Do sujeito à imagem: uma história do olho em Freud. São Paulo: Escuta, 1991.

JIMENEZ, Stella. (Org). O Cartel: conceito e funcionamento na Escola de Lacan. Rio de Janeiro: Campus, 1994.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LACAN, J. O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud [1953-54]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009.

\_\_\_\_\_. O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente [1957-58]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise [1959-60]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

\_\_\_\_\_. O Seminário, livro 8: a transferência [1960-61]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

\_\_\_\_\_. O Seminário, livro 10: a angústia [1962-63]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

\_\_\_\_\_. O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979.

\_\_\_\_\_. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise [1969-70]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. O seminário, livro 19:...Ou pior [1972]. Inédito

\_\_\_\_\_. O seminário, livro 22: RSI [1974-75]. Inédito

\_\_\_\_\_. O estádio do espelho como formador da função do eu [1949]. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

\_\_\_\_\_. A proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

\_\_\_\_\_. A psiquiatria inglesa e a guerra. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

\_\_\_\_\_. Ato de fundação. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LAURENT, Éric. Sete problemas de lógica cletiva na experiência da psicanálise segundo o ensinamento de Lacan, Opção Lacaniana, n. 26, 27, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. O analista cidadão, *Curinga*, n. 13, Belo Horizonte, EBP-Minas, 1999.

\_\_\_\_\_. A função do pequeno grupo na lógica da psicanálise. [relator]. *Anais do Primeiro Congresso da AMP: Relatório da Escolas*, Barcelona.

\_\_\_\_\_. Lo real y el grupo. Em: CUCAGNA, Andrea Roxana (comp.) *Ecos y matices em psicoanálisis aplicado: clínica de lapsicosis, la fobia, el FPS y el pequeno grupo*. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005.

LUZ, Denise. “Você vai deixar eu ir embora”. Texto inédito, 2010.

LE BON, Gustavo. *Leis psicológicas da evolução dos povos*. Edição da Typographia de Francisco Luiz Gonçalves, Lisboa, 1910.

MORAES, Lourenço A. *Silêncio e Ruído: introdução a uma abordagem da música a partir de Freud e Lacan*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2008.

NEGREIROS, A; VIOLA, S. “Encontrar no próprio impasse da situação a força viva da intervenção”. In: *Psicanálise na favela - projeto Digaí-Maré: a clínica dos grupos*. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008.

STRAUSS-Levi. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Editoras Vozes, 1982.

TARRAB, Maurício. *A identificação ao grupo ou bem dizer o insuportável*. *Latusa*, n. 6, EBP-Rio, 2001.

VIDAL, Paulo. V. *A horda selvagem: das massas e do político em Freud*. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1984.

VIEIRA, Marcus André. *Restos: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

\_\_\_\_\_. O sintoma no coletivo. In: Psicanálise na favela - projeto Digaí-Maré: a clínica dos grupos. Rio de Janeiro: Associação Digaí-Maré, 2008.

\_\_\_\_\_. A periferia de Freud: do pai freudiano ao objeto lacaniano. Arq. bras. psicol., Abr 2008, vol.60, no.1, p.152-158. ISSN 1809-5267. Disponível em: Acesso em: 9 nov. 2010.

Lei Municipal nº. 2.119 de 19 de janeiro de 1994.

<http://www.redesdamare.org.br/>

## Apêndice

*Texto de apresentação para a defesa, em 18/03/2011.*

Há cerca de quatro anos participo do trabalho desenvolvido pela Associação Digaí-Maré em parceria com a EBP-Rio. Este **trabalho** intenta a utilização do grupo como dispositivo clínico da psicanálise. Este **trabalho** é realizado dentro de um enorme grupo chamado Complexo da Maré. Este **trabalho** não dispõe de uma série de artifícios preventivos da técnica psicanalítica tal como pagamento e tempo indeterminado. Este **trabalho** dá muito trabalho, mas ele insiste e permanece.

Em uma das reuniões do Digaí-Maré, Ana Lúcia Lutterbach exclamou que nosso trabalho era “de ponta”. Arrisco dizer, concordando com Ana, que nosso trabalho persiste por isso, porque é “de ponta”. Não por seu aspecto bem acabado, bem feito ou perfeito, mas sim pela possibilidade de inventividade, e por esse ponto de vista até mesmo os fracassos contam a nosso favor.

A prática na Associação Digaí-Maré me permite descobrir a psicanálise de outro jeito. Nos embaraços que a lida na Maré impõe eu tenho a possibilidade de esbarrar com os conceitos sobre os quais leio e ouço falar, a partir de uma prática que eu posso participar da invenção. Essa prática é o grupo.

O **grupo** clínico do Digaí-Maré, o **grupo** Digaí-Maré...não foi à toa que este tema se impôs em minha dissertação. Não tinha como fugir eu estava *engrupada*.

A partir dos impasses clínicos que se desvelavam no cotidiano do Digaí muitas questões surgiram em torno do tema grupo. Sua formação e diluição eram problemáticas recorrentes dos espaços de discussão clínica e conseqüentemente a participação do clínico nesse aparato.

O intenso trabalho somado ao desejo de apreender a clínica psicanalítica precipitou em mim a exigência de um produto. Um produto singular que fosse

decantado da minha experiência, embora permeado do grupo Digai-Maré. E quero aqui enfatizar que esta escrita foi *não sem os outros*.

Em psicologia de grupo e análise do ego, ao descrever os percalços da massa, Freud alerta para uma série de incidências que nos fariam titubear na insistência da clínica dos grupos. Entretanto as paixões da massa despertam seu interesse o levando a uma investigação psicanalítica que nos conduz aos operadores lógicos do coletivo. Dessa forma Freud afirma uma profícua relação entre a psicologia individual e a psicologia coletiva que deu esteio à minha pesquisa.

Para a psicanálise, transformar o grupo num dispositivo clínico não é uma tarefa fácil. Nosso apreço pelo simbólico dificulta o investimento no apelo imaginário do grupo que, como nos alertou Freud, baseia-se nas identificações rígidas e prioritariamente verticalizadas pela presença do líder.

A ineficiência do Outro encontra no grupo uma tentativa de resposta do sujeito ao eterno desencontro que sua nomeação o condena. No Complexo da Maré a máxima “O Outro não existe” encontra-se amplificada. A Maré é um imenso grupo sobre o qual o poder de negociação que o registro simbólico corresponde encontra-se obliterado pela enfática inconsistência do Outro: uma bala perdida. Se por um lado a comunidade da Maré constitui-se como efeito de uma segregação, por outro restitui no grupo alguns lugares que possibilitam a emergência de algumas referências, que digamos assim respondem à falha no campo do Outro. Através das identificações ora com as lideranças políticas, ora com as lideranças transgressoras etc. a Maré responde à evanescência dos Ideais.

Esta operação delimitada no registro macro através do complexo da Maré é também a operação que cada um realiza para se a ver com sua condição de sujeito, marcado pela falta do Outro. Como afirmam Freud e Lacan, aquilo que observamos como funcionamento social ou do coletivo é analogamente estruturado pelo sintoma singular.

Dito isso, porque não aproveitar este espaço privilegiado de afetos que chamamos grupo para tratar então da segregação primeira, aquela que nos expele do mundo? Por que não aproveitar o grupo para falar do mal estar que se origina na separação entre o eu e o grupo?

Na busca de um sustentáculo para essa operação, os grupos realizados no Digaí-Maré calcam-se especialmente na teoria do cartel de Lacan. Embora o instrumento lacaniano tenha sido criado para a transmissão da psicanálise, podemos dizer que o cartel possui a intenção de tratar dos efeitos da massa. As diretrizes lacanianas para o Cartel visam o exercício constante de desconstrução do registro imaginário esquadrihado nas identificações e localizado privilegiadamente nos grupos. Mas por que isso nos interessa?

O sofrimento psíquico, ou seja, o sintoma é o vetor resultante entre a alienação imposta pelo Outro e a separação que ser sujeito, S barrado exige. Este resto inassimilável é a eterna não correspondência de um nome que pretendeu um dia nos designar. Nessa operação subjetiva, a presença dos outros é fundamental e originária. Ela aliena porque nomeia e afirma “este é você”, ao mesmo tempo singulariza porque difere o sujeito dos outros. “este é você, porque você não é o outro”. O Complexo de Édipo e o Estádio do Espelho configuram estruturalmente as conseqüências desenroladas a partir de um primeiro nome que chamamos de traço. É através desse designo que um ser se lança no mal entendido da linguagem e busca para sempre corresponder ao título que o Outro lhe inferiu: Um compromisso fadado ao fracasso já que nenhum nome será capaz de restituir esta perda.

A operação da identificação ressaltada por Freud em “Psicologia de grupo e análise do ego” ilustra essa tentativa. A presença do líder personifica o Ideal do eu, conceito que representa o Ideal de completude que o eu vislumbra. Mas ele só existe no horizonte. O superego é responsável por guardar seu caráter utópico apontando para a impotência de um eu castrado. No grupo a representação do Ideal do Eu no líder, ainda que artificialmente, faz crer que assim como ele os indivíduos podem suturar sua fenda de origem. Dessa forma a identificação presta-se a elidir o aspecto insuportável que a entrada no simbólico acena, outrossim, o resto, o próprio, o singular etc.

A partir daí busca-se no grupo clínico tratar desse efeito que podemos chamar massificante, homogeneizante que a agregação induz e que no caso a caso reduz-se ao mal-estar, ao sintoma de cada um.

Porém, como afirma Laurent, a psicanálise é uma técnica que deve ser mais do que a prática das desidentificações. Há de se lembrar que o **sujeito** é

efeito de uma identificação e que em última instância sempre nos resta um nome quer seja para nossa constante alienação, quer seja para nossa efêmera separação.

No Complexo da Maré, um menino que participa de um grupo do Digai afirma: “eu não volto ao grupo enquanto ele não acabar”. “Ele é preto” bradam os outros. As sentenças explicitam rapidamente a nossa problemática. A segregação primeira de um sujeito encontra eco. Um sujeito é expelido do mundo, um sujeito é expelido do grupo.

Em outra ilustração um gago deixa o grupo sem gaguejar e um sabichão começa a não saber. Dois meninos nos indicam um outro caminho no qual a pressa do discurso psicanalítico não se precipita. Na dinâmica desse encontro os restos de cada um podem ser incluídos. A matéria representa o inaudível. Se o tropeço não faz laço, a massinha, ao contrário, pode circular. A massinha passa de mão em mão e resgata o saber-fazer em detrimento do saber universal. A manobra clínica se encontra na ratificação do que se apresenta como criação individual no grupo. O clínico na função de *mais-um* não sabe. Ele provoca que cada um modele seu pedaço: o que falta num boneco sem braço, ainda que não seja um braço.

Longe das nomeações que perseguiam um menino gago e um sabe-tudo, a tarefa do grupo fez emergir os furos do Outro.

No primeiro exemplo, aprendemos no fracasso a importância desse dispositivo como potência de representação alienante que leva ao pior, à segregação. No segundo exemplo, vislumbramos a possibilidade de dar outro destino aos restos que segregam a partir do encontro com a falta, um laço que inclui, um achado que cai - *não sem os outros*.